

O CHAMADO UNIVERSAL À SANTIDADE

Lucas Peres Ferreira¹
Prof. Ms. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Jr.²

RESUMO

FERREIRA, Lucas Peres. *O chamado universal à santidade*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2021.

Este trabalho foi realizado para apresentar uma temática ao mesmo tempo antiga e atual, que está presente na vida humana, pois Deus constantemente fala conosco. Com o objetivo de esclarecimento sobre o assunto e causar o desejo de se tomar cuidado com alguns inimigos sutis da santidade: gnosticismo e pelagianismo. Com o auxílio de alguns livros e baseando na exortação apostólica *Gaudete et exultate* do Papa Francisco.

Palavras-chave: vocação, chamado, santidade, gnosticismo, pelagianismo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cl – Colossenses

CDC – Código de Direito Canônico

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Cor – Coríntios

DI – *Dominus Iesus*

Dt – Deuteronômio

Ef – Efésios

¹ Aluno concluinte do EAPV bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis-GO.

² Mestre em Teologia e Professor do Curso de Licenciatura Plena em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis-GO.

EG – *Evangelii Gaudium*

GeE - *Gaudete et Exsultate*

Gn – gênesis

Gl – Gálatas

Jer – Jeremias

Jo – João

LG – *Lumen Gentium*

Lv – Levítico

Mc – Marcos

Mt – Matheus

NMI – *Novo Millennio Ineunte*

Pe – Pedro

Rm – Romanos

Sl – Salmos

Sm – Samuel

INTRODUÇÃO

A vocação à santidade é para todos. Vocação significa chamado: alguém chama e alguém é chamado. A vocação, sem a qual nenhuma outra enriqueceria o homem, é o chamado a existir, à vida. “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’” (Gn 1, 26). Na grande vocação cristã há um chamado de Deus dirigido a todos: “Sede santos porque eu sou Santo” (Cf. 1 Pe 1, 15-16). A vontade de Cristo é a santificação do homem: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Cf. Mt 5, 48). Ou seja, religiosos, padres, vocacionados e leigos, são chamados antes de tudo à santidade.

Por isso, aquela famosa pergunta sobre o sentido da vida deve ser respondida da seguinte forma: caminhar em direção à santidade ou à plenitude de Deus através de Jesus Cristo. É esse o mistério da sua vontade manifestado na pessoa de Jesus. Que é que Deus quer para o homem? Torná-lo participante da sua vida e da sua plenitude através de uma configuração com Cristo, seu Filho, em quem é santificada a natureza humana unida à natureza do Verbo.

Diante disso, percebe-se que a discussão a respeito do chamado universal à santidade continua atual e toma grandes proporções. Assim, o tema do trabalho é a exortação apostólica *Gaudete et exsultate* do Papa Francisco sobre a chamada à santidade no mundo atual. Ou seja, como o papa exorta sobre a atualidade do chamando a santidade, sobre a missão de cada um em Cristo e sobre os inimigos sutis da santidade.

Contudo, este trabalho oferece ao leitor uma visão panorâmica e bem resumida do complexo saber a respeito do tema. Sendo abordado de forma mais específica os argumentos do Magistério da Igreja para a discussão do assunto. Porém, não se pretende com este trabalho esgotar o tema, mas em paralelo ao pensamento e a doutrina da Igreja Católica dar uma visão geral e sintética do assunto e despertar para a importância do mesmo, bem como das suas inúmeras particularidades.

O objeto do trabalho será analisar os argumentos do Magistério e da *Gaudete et exsultate*, nos dois primeiros capítulos, que esclarecem o chamado universal à santidade. Para isso foi dividido em três capítulos visando trabalhar o tema de forma sintética e esquemática.

No primeiro capítulo é apresentado uma visão geral sobre a chamada à santidade, sobre o que é a santidade e sobre a transformação moral que ela exige. No segundo é tratado o chamado feito pelo próprio Cristo, a orientação individual desse chamando, bem como a missão em Cristo. E no terceiro são abordados os dois inimigos sutis da santidade, o gnosticismo atual e por último o pelagianismo atual.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em livros especializados no assunto, em textos do Magistério da Igreja e de autores

especialistas, com leitura exploratória e seletiva, além de pesquisa em artigos e consultas a sites científicos da Internet.

1 A CHAMADA À SANTIDADE

Na vida, quem não sabe para onde vai andará perdido ao acaso dos estímulos e das solicitações de momento, sem orientação de fundo que dê rumo e sentido a tudo o que é e a tudo o que faz. Pode uma pessoa perguntar à inteligência qual a razão da sua existência e encontrar nas boas filosofias do mundo respostas, mais ou menos convincentes. Todavia, pode acontecer da pessoa se cansar com o grande número de respostas, com as muitas experiências feitas e com os muitos caminhos procurados. Assim, cansada e esgotada por andar às voltas sobre si mesma, diga a pessoa como São Pedro: a quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus (Jo 6, 68-69) (cf. MELO, 2001 p. 27).

Melhor do que procurar respostas nas ideologias dos homens, que variam com os tempos e as culturas e desiludem, é abrir as páginas da revelação e perguntar-se se Deus não terá resposta à pergunta: nesta viagem da vida, para onde vai o homem? Na interrogação sobre o que Deus pensa sobre o homem e sobre o destino que lhe reserva, mergulha-se no mistério de Deus e no da sua relação com os homens. Cheio de luz (1 Jo 1, 5) Ele revela-se e comunica-se a inteligências imensamente limitadas, incapazes de suportar a intensidade da luz e de abarcar a imensidade da vida. Apesar disso, Deus fala aos homens para ser entendido. (Cf. MELO, 2001, p. 28.)

E o que Deus fala ao homem? Qual a Sua resposta para o destino homem, ou seja, o seu fim último? Deus quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa. (Cf. GeE, 1) O Senhor escolheu cada um de nós para ser santo e irrepreensível na sua presença, no amor (cf. Ef 1, 4) (Cf. GeE, 2). Por isso, a chamada à santidade está patente, de várias maneiras, desde as primeiras páginas da Bíblia. Para

Abraão, o Senhor propô-la nestes termos: anda na minha presença e sê perfeito (Gn 17, 1). (Cf. GeE, 1)

Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida, de que ele próprio é autor e consumidor: Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai Celeste (Mt 5, 48). Além disso, Ele enviou a todos o Espírito Santo para os mover interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda alma, com toda a mente e com todas as forças (cf. Mc 12, 30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cf. Jo 13, 34; 15, 12). (Cf. LG, 40)

1.1 SANTIDADE

“ALEGRAI-VOS E EXULTAI” (Mt 5, 12), assim, o papa inicia sua exortação apostólica sobre a chamada a santidade.

O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa. Com efeito, a chamada à santidade está patente, de várias maneiras, desde as primeiras páginas da Bíblia; a Abraão, o Senhor propô-la nestes termos: ‘anda na minha presença e sê perfeito’ (Gn 17, 1). (GeE, 1.)

Não se deve esperar aqui um tratado sobre a santidade, com muitas definições e distinções que poderiam enriquecer este tema importante ou com análises que se poderiam fazer acerca dos meios de santificação. O meu objetivo é humilde: fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós «para ser santo e irrepreensível na sua presença, no amor» (cf. Ef 1, 4). (GeE, 2)

Deus nos chama a santidade. Segundo o Código de Direito Canônico, “todos os fiéis, de acordo com a condição que lhes é própria, devem empenhar suas forças a fim de levar uma vida santa e de promover o crescimento da Igreja e sua contínua santificação.” (CDC, cân. 210) Mas, o que é a santidade? Deve-se começar por dizer que a santidade é um atributo exclusivo de Deus e que ela só existe na Igreja enquanto participação da santidade de Deus. Digase ainda que em linguagem corrente, mesmo teológica, se tomam muitas vezes como sinônimas as palavras santidade e perfeição (aponta mais para o lado

antropológico), e de fato são, segundo o contexto. Em épocas mais remotas, apontava-se a perfeição como meta no caminho espiritual identificando-a simplesmente com a santidade. Contudo, elas se completam, mas são realidades de matiz diferente. (Cf. MELO, 2001, p. 28-40).

A santidade é o atributo divino por excelência no Antigo Testamento, não a perfeição. Diz-se algumas vezes que a lei de Deus é perfeita (Sl 18, 9), que as suas obras são perfeitas (Dt 32, 4), que os seus caminhos são perfeitos (2 Sm 22, 31). Mas nunca se diz que Deus é perfeito. No Novo Testamento há uma única referência à perfeição do Pai celeste em Mt 5, 48 e alguma ao Pai santo (Jo 17,11) ou ao Pai justo (Jo 17, 25). (MELO, 2001 p. 29)

Só Deus é santo. “A etimologia da palavra santo, tanto em hebraico como em grego, sugere a ideia de separação, de algo aparte, de reservado; convém a Deus de modo essencial. Designa a sua majestade incriada, inacessível, transcendente a toda a criatura, o totalmente outro” (MELO, 2001 *apud* ANCILLI, 1987, p. 346). As noções de separação, de aparte ou de reservado não designam uma atitude de afastamento; devem-se ao facto de ser Deus o totalmente outro radicalmente distinto do *profanum* (profano), de tudo o que está fora, de tudo o que não é Deus. (Cf. MELO, 2001, p. 29)

A santidade de Deus se opõe a impureza, própria do homem e do pecado que o habita. Mas para saber o que ela é em si mesma, seria preciso saber quem Deus é na sua glória e no seu esplendor, o que não é dado aos homens por enquanto. Sabe-se por revelação que Deus é amor (1 Jo 4, 8.16) e pode-se concluir, por isso, que a santidade de Deus há de ser a perfeição do amor. Mas a linguagem humana fica por aqui. No entanto, só a partir da santidade de Deus manifestada em Jesus Cristo pode-se abordar, por aproximações, o tema da santidade na Igreja que não é outra senão a de Deus participada ou compartilhada com os homens (Cf. MELO, 2001, p. 30).

“A Sagrada Escritura, os Santos Padres, os teólogos e os grandes místicos experimentais propuseram diversas fórmulas, embora todas coincidam substancialmente. As principais são as seguintes” (ROYO MARÍN, 2018, p. 19).

a) Consiste em nossa plena configuração com Cristo, em nossa plena cristificação. É a fórmula sublime de São Paulo, na qual insiste reiterada e incansavelmente em todas as suas epístolas.

b) Consiste na perfeição da caridade, ou seja, na perfeita união com Deus pelo amor. É a fórmula do Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino, no plano estritamente teológico.

c) Consiste em viver de uma maneira cada vez mais plena e experimental o mistério inefável da inabitação trinitária em nossas almas. É o pensamento fundamental de São João da Cruz e de todos os grandes místicos experimentais.

d) Consiste na perfeita identificação e conformidade de nossa vontade humana à vontade de Deus. Assim fala insistentemente Santa Teresa de Jesus. (ROYO MARÍN, 2018 p. 19-20.)

Mesmo sem o compreender plenamente, pode-se afirmar que a santidade, exclusiva de Deus, mas dada aos homens, por graça, consiste na perfeição do amor ou da caridade. (Cf. LG, 40) A santidade é um dom oferecido a cada batizado. Mas, esse dom gera, por sua vez, um dever, que deve moldar a existência cristã. É um compromisso que diz respeito não apenas a alguns (Cf. NMI, 30), mas os cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. (Cf. LG, 40) “Uma das maiores obrigações de um cristão, para sê-lo verdadeiramente, é a de aspirar com seriedade ao pleno desenvolvimento de sua vida sobrenatural iniciada no batismo, ou seja, aspirar a mais autêntica e genuína santidade cristã.” (ROYO MARÍN, 2018, p. 21)

No documento, Papa Francisco afirma que a santidade é o rosto mais belo da Igreja. E esta beleza está ligada ao fato de que todas as pessoas podem vivenciá-la, de diferentes maneiras. “(...) o que quero recordar com esta Exortação é sobretudo a chamada à santidade que o Senhor faz a cada um de nós, a chamada que dirige também a ti: «sede santos, porque Eu sou santo» (Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16). O Concílio Vaticano II salientou vigorosamente: “munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho” (LG, 10).

Com essa afirmação, o Sumo Pontífice deixa claro que não só os católicos, mas toda a humanidade é destinada a ser Povo de Deus. Não se trata de um privilégio, mas sim um convite, acessível e próximo da realidade.

Com base na Exortação Apostólica:

Pertencendo à família divina e entendendo-nos como frutos do amor ilimitado da Trindade, nascidos do amor de Deus e predestinados ao amor, recebemos a missão de comunicar esse amor aos demais homens e mulheres pelo testemunho, através do próprio modo de viver, através do amor e da caridade. A santidade não é nada mais do que a ‘caridade plenamente vivida’ (GeE, 10). (Wisniewski, 2018))

E essa característica pode ser percebida na relação com a família, no posicionamento frente aos desafios que nos cercam, na compaixão com o próximo, nas iniciativas que semeiam a paz, entre outras possibilidades. (Cf. Wisniewski, 2018)

1.2 TRANSFORMAÇÃO MORAL

Para se falar numa transformação moral, é necessário saber o que estabelece a moral cristã, na qual foi construída a civilização ocidental.

A lei moral é obra da Sabedoria divina. Podemos defini-la, em sentido bíblico, como uma instrução paterna, uma pedagogia de Deus. Ela prescreve ao homem os caminhos, as regras de procedimento que o levam à bem-aventurança prometida e lhe proíbe os caminhos do mal, que desviam de Deus e do seu amor. E, ao mesmo tempo, firme nos seus preceitos e amável nas suas promessas. (CIC, 1950)

A definição clássica de lei é “uma regra de procedimento emanada da autoridade competente em ordem ao bem comum” (CIC, 1951). A lei moral pressupõe a ordem racional estabelecida entre as criaturas, para seu bem e em vista do seu fim, pelo poder, sabedoria e bondade do Criador. Toda a lei encontra na Lei eterna a sua verdade primeira e última. A lei é declarada e estabelecida pela razão como uma participação na providência do Deus vivo, Criador e Redentor de todos. “Esta ordenação da razão, eis o que se chama a lei” (LEÃO XIII, 1888).

Naturalmente, a plenitude de Cristo em cada ser humano não deixa de lado a dimensão moral, como corolário da caridade que é vínculo da perfeição (CI 3, 14). (Cf. MELO, 2001, p. 43) Como se pode observar, o Concílio Vaticano II insiste nas três principais razões que fundamentam essa vocação universal à santidade, isto é:

- a) As exigências do batismo, pelo qual se infunde em nós a graça divina como germe ou semente que há de crescer e se desenvolver até sua plena perfeição.
- b) O primeiro mandamento da lei de Deus, que nos obriga a “amar a Deus com toda a alma e todas nossas forças”, cujo cumprimento perfeito constitui precisamente a santidade ou perfeição cristã.
- c) O mandamento explícito de Jesus Cristo de imitar a perfeição ou santidade de seu Pai celestial (Mt 5, 48) proposta a todos no sermão da Montanha. (ROYO MARÍN, 2018, p. 29)

São Paulo faz muitas exortações que visam comportamentos morais, disseminadas por muitas das suas cartas. Por exemplo:

Entre os frutos da carne e do espírito, enumerados em Gl 5, 19-26, encontramos, como comportamentos inadmissíveis na vida dos cristãos, a fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas»; e encontramos os seus contrários a serem promovidos na comunidade: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio».

Nas exortações de Cl 3, 5-17, S. Paulo acrescenta a paixão, o mau desejo, a ganância, a ira, a raiva, a maldade, a injúria, e as palavras grosseiras saídas da boca, como coisas próprias da terra que devem ser crucificadas nos «vossos membros»; e, como contrários de que o homem novo se deve revestir, fala em sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, «suportando-vos uns aos outros e perdando-vos mutuamente». Tudo isso faz parte da perfeição do homem em Cristo ou é contrária a ela. (MELO, 2001, p. 43-44)

Na verdade, significa dizer que, se o batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contrassenso contentar-se com uma vida medíocre. Ou seja, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. (Cf. NMI, 31)

Perguntar a um catecúmeno: «Queres receber o Baptismo?» significa ao mesmo tempo pedir-lhe «Queres fazer-te santo?» Significa colocar na sua estrada o radicalismo do Sermão da Montanha: «Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste» (Mt 5, 48). (NMI, 31)

Assim, o cristão que conhecendo suficientemente sua obrigação de santificar-se e nada fizesse para isso, faltaria, sem dúvida alguma, a um dever sagrado que o obriga por três razões:

a) Por exigência de sua graça batismal, que recebida no batismo como semente e germe inicial, clama pro seu aumento e desenvolvimento até chegar à idade adulta “segundo a medida do dom de Cristo” (Ef 4, 7).

b) Por exigência do primeiro mandamento do Decálogo, que nos obriga a “amar a Deus como todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças” (Mc 12, 28-30), em cujo fiel cumprimento consiste precisamente a santidade.

c) Em virtude da vocação universal à santidade, manifestada tão claramente pelo Concílio Vaticano II. (ROYO MARÍN, 2018, p. 30-31)

Assim pois, todos os que têm a Deus por Pai, devem-se aproximar da perfeição divina. Todo o sermão da Montanha não é mais que o comentário, o desenvolvimento deste ideal. Não há dúvida que este caminho é estreito e difícil, mas Jesus quer que se façam sérios esforços para entrar pela porta

estreita. Os apóstolos não usam de linguagem diversa. São Paulo lembra muitas vezes aos fiéis que foram escolhidos para serem santos. O que certamente não podem fazer, sem se despojarem do homem velho e revestirem do novo, isto é, sem mortificarem as tendências da natureza perversa e sem se esmerarem em reproduzir as virtudes de Jesus Cristo. (Cf. TANQUEREY, 1961, p. 175-176)

Contudo, o cristão que, em meio à sua debilidade e fraqueza, faz o possível para se aproximar desse ideal e se esforça por cumprir essa obrigação de se santificar, ainda que pouco a pouco, estará num bom caminho e não se poderá lhe exigir mais. A obrigação de se santificar é uma obrigação de tendência, de aspiração, de desejo leal e sincero, sem que estejamos obrigados a ser santos hic et nunc ou em um momento determinado de nossa vida terrena. Na realidade, só cumpriremos perfeitamente o primeiro e mais importante mandamento do Decálogo, quando estivermos envolvidos nos esplendores da visão beatífica no Céu. (ROYO MARÍN, 2018, p. 31)

2 O SENHOR CHAMA

“Existe efetivamente um chamado e uma verdadeira vocação universal à santidade, que afeta e recai sobre cada cristão em particular” (ROYO MARÍN, 2018, p. 21). Sede santos, porque Eu sou santo (Lv 11,45; Cf. 1Pd 1,16). “Não somente consta no próprio Evangelho, como se dignou a promulgar essa excelsa vocação o próprio Cristo pessoalmente” (ROYO MARÍN, 2018, p. 21).

Aqui estão suas próprias e definitivas palavras, dirigidas a todos os discípulos sem exceção: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5,48). Esse texto, proferido pela boca do próprio Cristo, é de uma profundidade insondável. Ao propor a todos os seus discípulos, no sermão da Montanha, a perfeição de seu Pai celestial como modelo e exemplo que todos os cristãos devem imitar, não colocou limite e nem termo algum ao ideal de santidade para o qual devem tender com todas as suas forças. (ROYO MARÍN, 2018, p. 21-22)

Por isso, não se deve pensar apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus, porque (Cf. GeE, 6) “aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente”. (LG, 9) O chamado universal que o Senhor faz à santidade, consta explicitamente no Evangelho e, por isso mesmo, não admite a menor dúvida. Desde os tempos apostólicos a Igreja sempre manteve essa doutrina (Cf. ROYO MARÍN, 2018, p. 22).

Contudo, cada um por seu caminho (Cf. LG, 39-42), diz o Concílio Vaticano II. Por isso, uma pessoa não deve desanimar, quando contempla modelos de santidade que lhe parecem inatingíveis. Há testemunhos que são úteis para estimular e motivar, mas não para copiar, uma vez que isso poderia até afastar uma pessoa do caminho, único e específico, que o Senhor dispôs para ela. Ou seja, o importante é que cada um discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal (cf. 1 Cor 12, 7), e não se esgote procurando imitar algo que não foi pensado para ele (Cf. GeE, 11).

Todos podem e devem ser santos. Mas, se o ser humano deve aspirar à santidade e a tender a ela com todas as suas forças, é porque a santidade está perfeitamente ao seu alcance. Do contrário, o homem deveria aspirar ao impossível, o que é impensável em uma vocação e chamado urgidos pelo próprio Deus. O que seria absurdo e contraditório (Cf. ROYO MARÍN, 2018, p. 30). Todos são chamados a ser santos, mas há muitas formas de viver esse chamado de Deus. Por exemplo, a santidade no povo paciente de Deus: pais que criam os seus filhos com tanto amor; homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa; os doentes; as consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, se pode observar a santidade da Igreja militante. (Cf. GeE, 7)

Isto deveria entusiasmar e animar cada um a dar o melhor de si mesmo para crescer rumo àquele projeto, único e irrepetível, que Deus quis, desde toda a eternidade, para ele: «antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei» (Jer 1, 5). (GeE, 13)

2.1 A CADA UM

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes as pessoas são tentadas a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos são chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra

(consagrado, casado, trabalhador, avó ou avô). Ou seja, deixe que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixe que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opte por Ele; escolha Deus sem cessar. (Cf. GeE, 14-15)

Na *Novo Millennio Ineunte* o Papa São João Paulo II agradeceu ao Senhor por ter concedido a ele beatificar e canonizar muitos cristãos, entre os quais, numerosos leigos que se santificaram nas condições ordinárias da vida. (Cf. NMI, 31) Por isso, quando se sente a tentação de desistir deve-se levar os olhos para o Crucificado. Além disso, lembre-se que na Igreja, santa e formada por pecadores, encontrarás tudo o que precisas para crescer rumo à santidade. Pois, o Senhor cumulou-a de dons com a Palavra, os Sacramentos, os santuários, a vida das comunidades, o testemunho dos santos e uma beleza multiforme que deriva do amor do Senhor. (Cf. GeE, 15)

Esta santidade, a que o Senhor te chama, crescerá com pequenos gestos: não falar mal de ninguém; escutar o outro com paciência e carinho; encontrar uma forma mais perfeita de viver o que já fazemos (realizar as ações ordinárias de maneira extraordinária). Deste modo, sob o impulso da graça divina, com muitos gestos se constrói aquela figura de santidade que Deus quis para ti. (Cf. GeE, 16-18)

2.2 A MISSÃO EM CRISTO

Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade. Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho. Esta missão tem o seu sentido pleno em Jesus Cristo e só se compreende a partir d'Ele. (Cf. GeE, 19-20)

A santidade ou santificação do homem torna-se possível porque Deus é amor e compartilha com os homens tudo aquilo que é: sendo santo, derrama a caridade (a perfeição do amor) nos seus corações pelo Espírito Santo (Rm 5, 5); ao fazê-lo, torna-os filhos (Rm 8, 14-17), e «também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho» (Rm 8, 29) para os introduzir, com Ele, no seio da vida trinitária: «Nós viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14, 23). Desta forma, inaugura no ser humano uma experiência única: a de que o Espírito Santo repita em cada um a experiência do Filho, Jesus Cristo, na sua relação de intimidade com o Pai, na sua obediência

filial a Ele e na entrega total da vida pelos irmãos. A experiência espiritual de Jesus ao longo da sua existência na terra torna-se, assim, arquétipo ou modelo da experiência espiritual cristã a que é chamado todo o batizado, e dá pleno sentido à imitação de Cristo, não como cópia dos seus comportamentos exteriores, mas como reprodução interna do seu ser de homem divinizado «em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento» (Cl 2, 3), e em quem «habita realmente toda a plenitude da divindade» (Cl 2, 9). (MELO, 2001, p. 33-34)

No fundo, a santidade é viver em união com Cristo os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspectos da vida terrena de Jesus (vida oculta, vida comunitária, proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor). (Cf. GeE, 20) Pois, tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos vivê-lo Nele e para que Ele o vivesse em nós (Cf. CIC, 2000, 521)

Dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer, também a missão do homem é inseparável da construção do Reino de Deus. A identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construir, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos. Contudo, é necessário um espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. Desta forma, todos os momentos serão degraus no caminho de santificação. (Cf. GeE, 25-31)

“Cada Cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo” (GeE, 33). Assim, com esta santidade promove, também na sociedade terrena, um teor de vida mais humano. Por isso, os fiéis devem empregar as forças recebidas segundo a medida da dádiva de Cristo, para alcançar a perfeição, a fim de que, seguindo os seus exemplos, tornem-se conformes à sua imagem e obedeçam em tudo a vontade do Pai, dedicando-se à glória de Deus e ao serviço do próximo. (Cf. LG, 40)

3 DOIS INIMIGOS SUTIS DA SANTIDADE

O mundo contemporâneo questiona, não sem dificuldade, a confissão de fé cristã, que proclama Jesus o único Salvador de toda a humanidade. (Cf. DI, 5-8) Por um lado, o individualismo centrado no sujeito autônomo, tende a ver o homem como um ser cuja realização depende somente das suas forças (Cf. EG, 67). Nesta visão, a figura de Cristo corresponde mais a um modelo que inspira ações generosas, mediante suas palavras e seus gestos, do que Aquele que transforma a condição humana, incorporando-nos numa nova existência reconciliada com o Pai e entre nós, mediante o Espírito (Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, n. 2). Por outro lado, difunde-se a visão de uma salvação meramente interior, que talvez suscita uma forte convicção pessoal ou um sentimento intenso de estar unido a Deus, mas sem assumir, curar e renovar as relações com os outros e com o mundo criado. Com esta perspectiva, torna-se difícil compreender o significado da encarnação do Verbo, através da qual Ele se fez membro da família humana para a salvação do homem. (Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, n. 2)

Neste contexto, o Papa Francisco, na *Gaudete et exsultate*, chama a atenção para duas falsificações da santidade que pode extraviar a humanidade: o gnosticismo e o pelagianismo. Segundo o Papa, são duas heresias que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo, mas continuam a ser de alarmante atualidade. Pois, ainda hoje os corações de muitos cristãos, talvez inconscientemente, deixam-se seduzir por estas propostas enganadoras. (Cf. GeE, 35)

3.1 O GNOSTICISMO ATUAL

O gnosticismo é um grupo de heresias dos três primeiros séculos depois de Cristo, baseada na gnose (palavra grega que significa conhecimento). É de difícil caracterização, por causa da sua heterogeneidade. Segundo Santo Irineu, o iniciador do gnosticismo teria sido Simão Mago (outros gnósticos famosos: Marcião e Valentiniano). Em geral, o gnosticismo tende ao dualismo

extremo ou mitigado, identificando a carne e as paixões com o mal, e a alma (formada por uma substância pneumática) com o bem. O homem seria um ser pneumático decaído, que só pode se libertar da matéria mediante a gnose (ou conhecimento secreto), transmitido pela revelação. O portador dessa revelação, transmissível apenas aos iniciados, teria sido Cristo (normalmente não reconhecido como Deus pelos gnósticos, mas um ser intermediário entre a divindade e o mundo material). (Cf. HORTAL, 2003, p. 194-195. (Estudos da CNBB n. 21)

Além disso, muitos gnósticos propendiam para o docetismo, negando a realidade corpórea de Cristo. Também tendiam a negar a criação do mundo visível (material) por Deus (atribuindo-a ao princípio do mal). Consequentemente, rejeitam o Antigo Testamento, como proveniente desse princípio. (Cf. HORTAL, 2003, p. 195)

“Embora extinto como corrente organizada, o gnosticismo tendeu a ressurgir, uma e outra vez, ao longo de toda a história da Igreja. ” (Cf. HORTAL, 2003, p. 195.) E segundo, o Papa Francisco continua ser de alarmante atualidade. (Cf. GeE, 35) Pois, o gnosticismo supõe uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. (Cf. EG, 94)

Contudo, ao longo da história da Igreja, ficou bem claro que aquilo que mede a perfeição das pessoas é o seu grau de caridade, e não a quantidade de dados e conhecimentos que possam acumular. Os gnósticos, confusos neste ponto, julgam os outros segundo conseguem, ou não, compreender a profundidade de certas doutrinas. Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem (Cf. GeE, 37) “um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (Cf. PAPA FRANCISCO, 2018 apud PAPA FRANCISCO, 2016, n. 11)

Também é típico dos gnósticos crer que eles, com as suas explicações, podem tornar perfeitamente compreensível toda a fé e todo o Evangelho. Além disso, algumas correntes gnósticas desprezaram a simplicidade tão concreta

do Evangelho e tentaram substituir o Deus trinitário e encarnado por uma Unidade superior onde desaparece a rica multiplicidade presente na história. Assim, com frequência, verifica-se uma perigosa confusão: julgar que, por saber algo ou poder explicá-lo com uma certa lógica, a pessoa já é santa, perfeita, melhor do que a “massa ignorante”. (Cf. GeE, 39-45)

3.2 O PELAGIANISMO ATUAL

O pelagianismo é a doutrina herética defendida pelo monge gaulês Pelágio, no começo do século V depois de Cristo. Pode ser definida como otimismo antropológico. Essa doutrina nega a realidade do pecado original e das suas consequências. A partir daí, afirma a capacidade natural do homem para praticar o bem, sem o auxílio da graça divina. A Igreja Católica também rejeitou como herético o semipelagianismo, ou seja, a doutrina segundo a qual o homem seria capaz de iniciar, com as próprias forças, o ato meritório, só sendo necessária a graça para completá-lo. (Cf. HORTAL, 2003, p. 309-310)

Com efeito, o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. (Cf. GeE, 48) Quem se conforma a esta mentalidade pelagiana ou semipelagiana, embora fale da graça de Deus com discursos edulcorados, no fundo, só confia nas suas próprias forças e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico. (Cf. EG, 94)

Quando alguns deles se dirigem aos frágeis, dizendo-lhes que se pode tudo com a graça de Deus, basicamente costumam transmitir a ideia de que tudo se pode com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça (GeE, 49).

Ou seja, esquecem que a Igreja ensinou repetidamente que o homem não é justificado pelas suas obras ou pelos seus esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa. Os Padres da Igreja, já antes de Santo Agostinho, expressavam com clareza esta convicção primária. (Cf. GeE, 52) Também o Catecismo da Igreja Católica nos lembra que o dom da graça ultrapassa as

capacidades da inteligência e as forças da vontade humana e que, em relação a Deus, não há, da parte do homem, mérito no sentido dum direito estrito. (Cf. CIC, n. 1998-2007)

Contudo, ainda há cristãos que insistem em seguir o caminho da justificação pelas suas próprias forças. Buscando outro caminho. O da adoração da vontade humana e da própria capacidade, que se traduz numa autocomplacência egocêntrica e elitista, desprovida do verdadeiro amor. (Cf. GeE, 57)

Manifesta-se em muitas atitudes aparentemente diferentes entre si: a obsessão pela lei, o fascínio de exhibir conquistas sociais e políticas, a ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial. [...]

Muitas vezes, contra o impulso do Espírito, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa propriedade de poucos. Verifica-se isto quando alguns grupos cristãos dão excessiva importância à observância de certas normas próprias, costumes ou estilos. Assim se habitua a reduzir e manietar o Evangelho, despojando-o da sua simplicidade cativante e do seu sabor. (Cf. GeE, 57-58)

Assim, continua o Papa Francisco, para evitar isso, é bom recordar frequentemente que existe uma hierarquia das virtudes, que convida a buscar o essencial. A primazia pertence às virtudes teologais, que têm Deus como objeto e motivo. E, no centro, está a caridade. Quem ama o próximo cumpre plenamente a Lei (Gl 5, 6; Rm 13, 8.10). (Cf. GeE, 60)

CONCLUSÃO

A santificação consiste em cada cristão se transformar numa cópia viva de Jesus, um outro Cristo, como diziam São Paulo e os santos Padres da Igreja. Quando a imagem de Jesus estiver formada na alma do homem, então a meta que Deus nos propõe terá sido alcançada. Ou seja, aquele estado de vida que levou, por exemplo, São Paulo a exclamar: “Eu vivo, mas já não sou mais eu, é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus” (Cf. Gl 2, 20).

Contudo, é o Espírito Santo que nos santifica. O mesmo que santificou a humanidade de Jesus de Nazaré. Apesar disso, ao lado deste meio fundamental da fé e dos sacramentos, deve estar também a imitação de Cristo, as obras e o esforço pessoal (colaboração com a graça). Pois, os seguidores de Cristo, que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, não pelos seus méritos mas por seu desígnio e sua graça, foram feitos no batismo da fé verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso mesmo verdadeiramente santos. Devem portanto, com a ajuda de Deus, conservar e aperfeiçoar na sua vida a santidade que receberam. Ou seja, revestirem-se de sentimentos de misericórdia, de benignidade, de humildade, de mansidão e de paciência (Cf. Cl 3, 12).

É, pois, bem claro que todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Assim, por esta santidade se promova, também na sociedade terrena, um teor de vida mais humano. Para que obedecendo em tudo a vontade do Pai, se dediquem à glória de Deus e ao serviço do próximo. Desta forma, a santidade do povo de Deus, crescerá oferecendo abundantes frutos, como o demonstra brilhantemente, através da história da Igreja, a vida de tantos santos.

Porém, faz-se necessário esclarecer que abordar o rico tema da santidade de maneira exaustiva não foi incluso no objetivo deste trabalho, pois, se trata de uma exploração inicial e o texto não pretende responder todas as questões envolvidas no tema, mas sim dar destaque para o chamando universal à santidade e para a importância da Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, onde o Papa Francisco escreve, aconselhando, admoestando e animando a discussão a respeito do tema.

Contudo, diante da breve pesquisa e do exposto durante o texto pode-se concluir que torna-se cada vez mais importante uma alteração na base da discussão sobre o chamado universal a santidade. É preciso esclarecer que todos podem ser santos, independente do estado de vida, vivendo fielmente o seu batismo (amando a Deus sobre todas as coisas e o próximo com a si mesmo) nas condições normais do seu dia a dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 7. ed. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. **Codex iuris canonici**. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium***: sobre a Igreja. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração *Dominus Iesus*** sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Roma, 06 ago. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html> Acesso em 03 mar. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Placuit Deo*** sobre alguns aspectos da salvação cristã. Roma, 22 fev. 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html> Acesso em 03 mar. 2021.

HORTAL, Jesus. **Guia ecumênico: informações, normas e diretrizes sobre ecumenismo**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Estudos da CNBB n. 21).

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*** no termo do grande jubileu do ano 2000. Roma, 06 jan. 2001. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html Acesso em 03 mar. 2021.

LEÃO XIII, Enc. ***Libertas praestantissimum***: Leonis XIII Acta 8. 218: São Tomás de Aquino, Summa theologiae, 1-2, q. 90. a. 1: Ed. Leon. 7, 149-150.

MELO, Luís Rocha e. **O vento sopra onde quer: notas de espiritualidade**. Braga: Editorial A. O. - Braga, 2001.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*** sobre a chamada à santidade no mundo atual. Roma, 19 mar. 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html> Acesso em 03 mar. 2021.

ROYO MARÍN, Antonio. **Ser ou não ser santo... eis a questão**: Compêndio da obra: Teología de la perfección cristiana. Tradução de Ricardo Harada. 2. ed. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de teologia ascética e mística**. Tradução do Rev. P. Dr. João Ferreira Fontes. 6. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1961.

Wisniewski, Eliseu. **A santidade no mundo atual: breve reflexão sobre a Exortação Apostólica Gaudete Et Exsultate**. 2018. Disponível em: <<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577798-a-santidade-no-mundo-atual-breve-reflexao-sobre-a-exortacao-apostolica-gaudete-et-exsultate#>>> acessado em 01 fev. 2021.